

A ÉTICA NA RELAÇÃO DE TRABALHO: APONTAMENTOS DE UMA REFLEXÃO

Norberto Mazai*

“O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete.” (Aristóteles)

“A ética lida com aquilo que pode ser diferente do que é.” (Gianetti)

“Uma vida não refletida não merece ser vivida.” (Sócrates)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A ética tem sido tema pertinente e imprescindível no debate mundial e nacional, o que faz com que os discursos que tentam explicá-la tenham profundas implicações nas formas de concepção teórica e de atuação prática do fazer humano. A imbricação entre ética e trabalho é uma relação dual. Por um lado, pelo fato de o trabalho ser uma prática humana intencionada, reforça a ideia da ética como centralidade do seu atuar consciente, pois ele necessita do conhecimento para significar seu rumo, uma vez que não pode dar-se como prática puramente mecânica, transitiva, coisificada, oportunista pautada pela doxa – senso comum. Aqui fica evidente a necessária vigilância crítica perante a práxis humana.

De outro lado, a ética é uma prática reflexiva que produz consciência aguçada, pois tem por principal tarefa a construção de novos conhecimentos, assim como reflexionar e socializar os já disponíveis. Isso se dá por meio do pensar e do agir.

Sabe-se, entretanto, que tal tarefa não é fácil e muito menos portadora de uma linearidade, dado que a realidade, na sua necessária pluralidade, deixa-se compreender a partir de multifacetados ângulos. Desse modo, assume capital

* *Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA); mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e doutor em Educação pela Universidade de Brasília (UnB); professor do Curso de Ciências Jurídicas do Centro Universitário – IESB e de cursos EAD; professor da graduação e da pós-graduação no curso de Direito do Instituto Brasiliense de Direito Público – IDP; professor da ESA/OAB-DF; membro do corpo editorial da Revista de Doutrina e Jurisprudência – RDJ do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios; colaborador da TV e da Rádio Justiça.*

relevância fazer perguntas, aliás, é o que se busca com o presente texto: perguntar. Essa pergunta a que nos referimos não é aquela que aceita respostas prontas, rasteiras, impostas pela cultura imagética e imediatista da atualidade, as quais, em sua grande maioria, castram a aptidão para a problematização.

Perguntar não é somente levantar uma dúvida, simplesmente pelo gosto do ato de duvidar. A verdadeira dúvida é aquela que percebe a complexidade da realidade e a pequenez de muitas das respostas tidas como certas, fixas em um único sentido e enclausuradas em si mesmas. A dúvida é assim, um processo, é a companheira fiel de nossa história humana que não caminha na clareza da evidência, pois, sendo companheira do humano, não é em sua totalidade infalível¹.

Nas linhas que seguem não pretendemos oferecer uma receita infalível para vivenciar a ética na esfera do trabalho humano, ou, ainda, trazer uma reflexão inédita, mas, sim, procurar problematizar e apresentar indicações de caminhos, como, também, tecer, ainda que de forma embrionária, um quadro formado de elementos provocatórios extraídos do pensamento filosófico a fim de poder balizar alguns pressupostos para se pensar e agir de modo profícuo nas relações humanas de trabalho.

1 – ÉTICA E MORAL: UM ESBOÇO DE SUA NATUREZA

Ao abrirmos os não poucos manuais jurídicos e filosóficos disponíveis no mercado editorial perceberemos que é unânime a ideia de que a ética é um saber cuja origem remonta aos gregos. Tem, pois, uma longa existência histórica cuja raiz pode ser encontrada nos poemas homéricos e na tragédia grega e depois sistematizada como um saber pelo pensador de Estagira Aristóteles na sua belíssima obra *Ethica Nicomachea*. Trata-se, portanto, de um saber prático (referente ao agir humano), de situação (compreensivo), normativo, e crítico-reflexivo. A ética é pensada e possui como seu objeto de estudo a moral.

No entendimento de Valls (1996, p. 7), a ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas que não são fáceis de explicar, quando alguém pergunta. É nessa questão que pensamos ser relevante a retomada pela pergunta do sentido último da natureza desses dois conceitos: ética e moral². Desde o início do seu surgimento com os gregos, a ética fora concebida como *ethos-habitat/caráter/costumes* e a moral como *mos* ou *mores*, costumes, no sentido de um conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito. Seu objeto (da

1 Como afirmava o grande pensador Karl Popper: é preciso falseabilizar as certezas.

2 Dado que é comum uma confusão conceitual entre ambos os conceitos, devemos buscar a *arché* de ambos os conceitos para que não caiamos em generalizações apressadas.

ética) é a práxis humana e surgiu por inquietações que costumam acompanhar o ser humano desde que este se descobriu portador de uma consciência moral e sempre que tem de agir e tomar decisões de ordem moral: como discernir eticamente diante da pluralidade e da complexidade das situações que se nos enredam diariamente? Como dar conta das singularidades de cada situação sem sermos arbitrários ao tomarmos decisões de ordem moral? Que tipo de critério(s) deve(m) orientar nossas decisões?

Essas importantes indagações pontuam que para agirmos moralmente não basta apenas termos uma boa intuição, experiência existencial apurada ou sensibilidade moral. Embora essas capacidades sejam necessárias ao homem moral, quando uma pessoa encontra-se em uma posição de maior responsabilidade elas não são em si suficientes para um discernimento mais peculiar das situações morais. Isso acontece em razão de complexidade que permeia tais situações, fatores inconscientes e determinadas categorias do agir humano, como sua contingência, inexatidão, falibilidade, intencionalidade e relativa opacidade da linguagem humana.

A naturalidade que contorna hodiernamente a orientação de nossas ações nem sempre é suficiente para guiá-la de forma segura. Situações de dúvida, conflito ou dilema moral, a exemplo das situações complexas oriundas da esfera profissional, demandam a passagem para níveis mais elevados, de caráter crítico/reflexivo, e necessitam necessariamente ser justificadas. A reflexão ética entra em ação quando nos confrontamos na práxis hodierna com algo que foge de sua naturalidade que caracteriza a espontaneidade do cotidiano. Isso implica que a ação moral comporta necessariamente graus de entendimento que fogem ao imediatismo, indo do mais espontâneo ao mais reflexivo (ação, juízo e normas/princípios morais).

Se a ética é pensada, como afirmamos acima, a moral é vivida como gostam de frisar alguns autores. A ética, como afirma Bittar (2004), é um tipo de saber normativo, saber este que tem como objetivo orientar as ações humanas. Enquanto disciplina, a ética é uma reflexão sistemática sobre a ação em sua dimensão moral e é nesse sentido que se constitui como um saber prático (de práxis = ação). Se é entendida como uma reflexão sistemática sobre a ação, há que se levar em conta o tipo de ação e seus componentes (a intenção, a ação, as consequências e as circunstâncias). Se é um saber, pode então ser estudada criticamente, apropriada e vivenciada para tornar nosso agir melhor. Como lembrava Aristóteles, em sua *Ethica Nicomachea*, “saber o que é a excelência (a virtude) moral e a intelectual não é o bastante, devemos esforçar-nos por

possuí-las e praticá-las” (1992, p. 206). Eis sua preciosa contribuição para iluminar o agir pessoal e profissional de todo ser humano.

A vivência profícua da ética no âmbito profissional trata-se de uma aprendizagem que demanda, para ter êxito, a adesão consciente (o desenvolvimento progressivo da capacidade de por si mesmo apreciar e tornar suas as regras/normas/princípios) e o desenvolvimento de uma postura que gradativamente deve ir se tornando autônoma em relação às normas³.

2 – DIZER NÃO AO ETERNO RETORNO DO MESMO: UM IMPERATIVO ÉTICO NO TRABALHO E NA EXISTÊNCIA

Se revisitarmos a história do pensamento humano verificaremos que são inúmeros os gritos de guerra feitos contra o eterno retorno do mesmo em várias esferas da atuação humana. Faz-se mister reflexionarmos acerca da necessidade de levantarmos um imperativo ético contra a barbárie que assola as relações profissionais modernas.

A nossa época vive sob o estigma de uma ética da barbárie em que o ser humano é levado a calcar seu ser e suas atividades na coisificação e na trivialidade de seus atos meramente mecânicos. Logo, é de extremada significância uma nova postura acerca de nossas relações profissionais, na qual prevaleça o respeito para consigo mesmo e para com os outros. É preciso desvencilhar-se das convicções que nos encerram em pequenos redutos que encarceram nosso desejo de sermos mais que meros reprodutores de normas vazias e sem significado real para o nosso trabalho e a existência humana criadora.

Como bem destacou o grande filósofo Nietzsche (2006):

“Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda mais uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira.”

3 A ética enquanto reflexão sobre o agir humano não é algo que se ensina – no sentido estrito do termo –, mas que se aprende reflexivamente mediante o seu exercício orientado. Por essa razão, é muito importante a constituição de espaços formais para tal aprendizagem no âmbito da esfera do trabalho.

DOCTRINA

O que essa passagem nos provoca? Júbilo ou desespero? Um sorriso ou um ranger de dentes? Eis a questão! O fato é que qualquer atitude que viéssemos a adotar não nos libertaria de encarar um fardo penoso que pesaria sob o nosso agir hodierno. Infelizmente, não são todas as pessoas que são capazes de tal reflexão que as levassem a uma mudança radical de suas ações e, por que não, a um imperativo ético balizador de suas ações.

Querer a repetição eterna de todas as coisas implicaria não só viver de novo o que se escolheu ou o que não se escolheu ou ter que viver tudo de novo o que não se quis verdadeiramente. A questão que se pontua aqui pode ser vislumbrada na ideia de que não estamos prontos e nem acabados. Estamos sempre a caminho e dentro da performática reveladora do ser. Se partirmos dessa concepção, temos a possibilidade da mudança diante da mesmice e o cárcere do eterno retorno.

De outro ângulo, há a possibilidade de pegarmos a ideia do eterno retorno trabalhada por Nietzsche, como um meio de purificação, prova de coragem, exercício de introspecção, guia de uma nova conduta ou como um imperativo existencial criador, pois,

“apesar da importância que possa haver em conhecer os autênticos motivos que guiaram até hoje as ações humanas, talvez seja mais importante ainda, para quem procura o conhecimento, saber qual crença está ligada a este ou aquele motivo, quero dizer, conhecer o que a humanidade supôs e imaginou até o presente como sendo a verdadeira alavanca de seus atos. De fato, a felicidade e a miséria interior dos homens vieram-lhe de sua crença neste ou naquele motivo – e não daquilo que foi o motivo verdadeiro.” (*Ibidem*, 2006)

A verdadeira alavanca dos atos humanos não pode estar calcada no afã de apenas viver mecanicamente um código de ética sem ao menos refletir e encarnar o mesmo na esfera profissional. É urgente, pois, suprimir a aparência das relações e da vivência dos códigos para desembocarmos num gesto afirmativo de credibilidade do vir a ser. A ética na relação de trabalho deve levar à viabilidade da edificação de novos relacionamentos alicerçados não na especialidade cega e idiota que tudo domina e sabe, mas na vivência e na encarnação de possibilidades criadoras de novas posturas de crescimento e de respeitabilidade consigo mesmo, com os outros e com o meio em que está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirmar que se tenha chegado a uma conclusão seria demasiadamente uma atitude um tanto quanto insensata. A escrita de nossa investigação não pretendeu dar um fim ao interesse e à curiosidade de continuar a investigar a importante relação entre a ética e o trabalho. São muitos os prismas pelos quais podemos apreender esta temática e muitas das proposições aqui desenvolvidas mostraram o nosso empenho em encontrar e compreender algumas das possibilidades de entendimento e suas importantes articulações com o campo profissional, de modo especial, o contributo para se pensar temas contemporâneos urgentes como a crise ética que assola nosso país.

Muitas das proposições aqui desenvolvidas, mesmo que embrionariamente e sem terem a pretensão de ineditismo, mereceriam maior aprofundamento e desenvolvimento de uma forma mais orgânica. Entretanto, o objetivo maior não foi o de elaborar um tratado, pois esta, de forma alguma, não é a finalidade deste texto, e sim propiciar algumas pistas para que o tema possa ser retomado e refletido dentro dos diferentes contextos que ora possam emergir, em especial no campo do trabalho.

Portanto, fica o convite para que outros levem adiante a chama que foi acesa. As bases lançadas aqui continuam em construção e acertadamente devem engendrar a atenção de múltiplos olhares, viabilizando o importante diálogo entre a tradição filosófica e jurídica com a contemporaneidade sem cair em generalizações apressadas e em ranços históricos epistemológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Brasília: Edunb, 1992.
- BITTAR, Eduardo C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*. São Paulo: Manole, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Escala, 2006.
- VALLS, Álvaro. *O que é a ética*. São Paulo: Brasiliense, 1986.